

## O PROJETO DE EXTENSÃO PLANTATERAPIA E AS POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGEM MÚTUA

**Modalidade:** ( ) Ensino ( ) Pesquisa ( **X** ) Extensão

**Nível:** ( ) Médio ( **X** ) Superior ( ) Pós-graduação

**Área:** ( ) Química ( ) Informática ( **X** ) Ciências Agrárias ( ) Educação ( ) Multidisciplinar

**Autores:** Flávia Nunes PROENÇA<sup>(1)</sup>, Leandro Marcolino VIEIRA<sup>(2)</sup>, Luciano ALVES<sup>(3)</sup>, Vagner Antônio FERREIRA<sup>(4)</sup>

**Identificação autores:** (1) Bolsista PIBIC-ES/CNPq, (2) Discente do Curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas IFC – Campus Araquari, (3) Orientador IFC Campus Araquari, (4) Colaborador Técnico Agrícola IFC Campus Araquari.

### Introdução

Segundo Rozek (2013), o cenário mundial atual denota um movimento em sentido à inclusão social e o sujeito com deficiência passa a dividir a cena com os sujeitos sem deficiência, coabitando os diversos espaços sociais, onde conceitos e práticas assumem cada vez mais um caráter efêmero e de possibilidades múltiplas.

Todavia esta inclusão caminha a passos lentos, já que, apesar do grande discurso e propagação midiática da justiça social e equidade de direitos, sabe-se que ainda é grande o preconceito com os portadores de deficiência no país, especialmente no que se refere ao acesso ao emprego e à capacitação profissional. Objetivando uma superação da lacuna na capacitação das pessoas com deficiências, propõe-se, segundo, Garcia (2006), o “conceito de necessidades educacionais especiais. Essa conceituação teria por finalidade retirar o foco dos diagnósticos de deficiência e colocá-lo sobre as necessidades de aprendizagem (Garcia, 2006)”. Dessa maneira, focam-se as condições de aprendizagem, no ensino e na escola, em vez de procurar no educando a origem do problema. Com essa concepção, passa-se a priorizar o tipo de recursos que a instituição educacional deve proporcionar para estimular a aprendizagem, superando o preceito de que o aluno deve se ajustar nos padrões da normalidade para adquirir conhecimento, e desafiando o ambiente educacional a ajustar-se para as condições de aprendizagens diversas dos seus alunos (Brasil, 2001).

Conhecendo esses desafios de aprendizagem, bem como as dificuldades citadas quanto à inserção dos portadores de necessidades educativas especiais, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAIE), de Araquari, desenvolveu durante os anos de 2015 e 2016, em parceria com o Instituto Federal Catarinense - Campus Araquari, o projeto intitulado “Plantaterapia”, um trabalho educativo que visa capacitar alunos portadores de necessidades educativas especiais para algumas das atividades básicas relacionadas com o meio agrícola. Desta forma, o presente trabalho objetiva demonstrar as possibilidades construídas ao longo

do desenvolvimento do projeto em relação à aprendizagem, bem como analisar, a partir das experiências adquiridas, como atividades relacionadas à agricultura podem auxiliar na educação de portadores de deficiência intelectual.

### **Material e Métodos**

O trabalho foi desenvolvido com 80 alunos da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) do município de Araquari no decorrer dos anos de 2015 e 2016, integrando educandos portadores de deficiência intelectual moderada e grave nas turmas “Iniciação Para o Trabalho” e “Oficina Terapêutica Protegida” desta instituição com bolsista de extensão, acadêmicos do curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas e servidores do Instituto Federal Catarinense – *Campus Araquari*.

A metodologia de intervenção utilizada foi a mais clara e objetiva possível, visto que, quando se trabalha com educação especial é importante que o próprio espaço de aprendizagem e as situações sejam reais podendo o conhecimento adquirido ser aplicado. Os conteúdos devem ser concretos e significativos. Procurou-se desenvolver as principais práticas de cultivo (semeadura, irrigação, preparo de solo, transplante, controle de ervas daninhas e colheita) simultaneamente à explicação teórica dos conteúdos importantes às práticas agrícolas, de maneira didática e linguagem acessível, buscando uma aprendizagem significativa, e uma relação direta e imediata entre a teoria e a prática..

Buscou-se dar preferência ao atendimento individual, respeitando o tempo necessário para que cada educando pudesse desenvolver a atividade proposta. Do mesmo modo procurou-se, ao início das atividades de cada semana, retomar os conteúdos e relembrar os procedimentos realizados no último encontro, fazendo as relações necessárias entre as atividades. Em alguns momentos fizeram-se necessárias repetições dos conteúdos, já que conforme Santos (2012)

[...] mesmo sendo utilizadas estratégias que favoreçam a transferência de um conteúdo para que a compreensão seja consistente e permanente e para que ocorram generalizações, certas repetições (num sentido quantitativo) de um conteúdo deverão ser estabelecidas para que a memorização ocorra; quanto maior é o comprometimento (déficit), maior é a necessidade de repetições.

Ainda conforme Santos (2012), a metodologia de trabalho com portadores de necessidades educativas especiais deve ser realizada através de “práticas motivadoras, alegres e afirmativas; com estratégias ricas em estimulação e diversificadas quando necessário (por

exemplo, recursos audiovisuais, objetos de diferentes materiais, cores e texturas)”. Com base nesta descrição, especial atenção deu-se, ainda, antes da semente propriamente dita, ao reconhecimento das sementes das diferentes espécies escolhidas para o cultivo (rabanete, salsinha, agrião, alface e repolho) através da visualização e tato, procurando se chamar a atenção para coloração, formato e tamanho, e realizar associações entre a semente e a fotografia presente em sua embalagem. Da mesma maneira, também trabalhou-se a questão do tato no substrato utilizado, antes do preenchimento da bandeja.

Na ocasião da colheita os educandos realizaram a limpeza dos vegetais e encaminharam-nos à cozinha, onde foram preparados e servidos aos educandos objetivando o estímulo à uma alimentação saudável.

### **Resultados e discussão**

Parece ser consenso que portadores de necessidades educacionais especiais necessitem de encaminhamentos metodológicos diferenciados para uma aprendizagem significativa, todavia, estes possuem potencialidades que podem e devem ser aproveitadas pelos educadores e pela sociedade com um todo. Conforme aponta Santos (2012), quando se trabalha com educação de portadores de deficiência intelectual,

[...] as possibilidades de adaptação e aprendizagem não são extremadas, mas justificadas pela peculiaridade de cada sujeito. Assim, as pessoas com deficiência intelectual possuem tantas diferenças entre si como todos os demais. Nesse sentido, considera-se que a deficiência intelectual pode até ser estrutural, mas não deve ser construída – ainda mais pela falta de estimulação adequada, pois, por mais severo que seja o comprometimento, a capacidade de aprender é intrínseca.

É justamente nesta capacidade intrínseca de aprender que o trabalho baseou-se, sempre acreditando que uma aprendizagem efetiva é possível. Não obstante, e apesar do embasamento teórico, o encaminhamento prático das atividades demonstrou-se consideravelmente difícil, pela grande diversidade de indivíduos envolvidos e pela necessidade do atendimento individual de cada um.

Um dos pontos que serviram de aprendizagem durante a realização das atividades foi o da importância do tato e de diferentes estímulos no processo educativo. Desta forma, detectaram-se problemas, principalmente com as sementes escolhidas, que se mostraram de tamanho pequeno, e, por vezes, muito semelhantes entre si para que os alunos realizassem a devida identificação e também o processo de sementeira. Outro ponto que também se mostrou

complexo para trabalhar, foi o fato de os canteiros serem rasos e apresentarem solo bastante compactado, dificultando o trabalho por parte dos envolvidos.

Estas são questões que deverão ser observadas na continuidade do trabalho, e que indicam que muitos dos problemas encontrados na educação de portadores de deficiência intelectual são muitas das vezes, de fato, motivados ou acentuados pelos educadores, ou pelas condições de trabalho que possuem. São equívocos como estes que demonstram o quanto ainda é necessário evoluir com relação à adaptação aos diversos tipos de necessidades educativas especiais demandadas pelas diferentes situações vivenciadas e que serão vivenciadas.

Um equívoco, todavia, que não se pode cometer, é o de encarar os trabalhos educativos com vistas a uma educação realmente inclusiva, como caridade, assumindo uma posição vertical entre educador e educando. Assim sendo, não se deve pensar que o processo de aprendizagem ocorre de forma unilateral, pois “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (Freire, 2011).

Por meio de um processo de parceria, os alunos tiveram a oportunidade de adquirir conhecimentos a respeito de atividades agrícolas, e os demais envolvidos, que tiveram a possibilidade de intervir na realidade dos educandos, tiveram a oportunidade de aprender e refletir sobre novas metodologias de trabalho, novas maneiras de trabalhar com o conhecimento e o principal, que quando há vontade e comprometimento, de alguma forma, a educação é possível.

### **Conclusão**

O trabalho com portadores de necessidades educacionais especiais é possível, embora bastante desafiador. Faz-se necessário a aplicação de um encaminhamento metodológico individualizado, tendo em mente que a singularidade dos sujeitos assim o exige. Nesta área do campo educacional, talvez mais do que em qualquer outra, exige-se um planejamento minucioso visando uma otimização do tempo e da aprendizagem. Muitas das vezes as dificuldades se impõem pela falta de capacitação dos educadores e/ou pelas más condições do ambiente de aprendizagem disponível. Os conteúdos trabalhados com portadores de necessidades especiais deverão ser úteis na vida dos educandos, de modo a gerar interesse e desenvolver uma prática educativa emancipatória, para que consigam ocupar os espaços no

meio social e no mundo do trabalho. Nesse sentido, o cultivo de plantas mostrou-se uma ferramenta viável para a aprendizagem, por permitir uma aplicação prática e imediata dos conceitos expostos. É fundamental acreditar na educação como meio de superar barreiras e preconceitos, reconhecendo que a aprendizagem é uma capacidade inata do ser humano, apesar de todas as adversidades possíveis.

### Referências

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer 17/2001, de 3 de julho de 2001. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: CNE, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GARCIA, Rosalba Maria Cardoso. Políticas para a Educação Especial e as Formas Organizativas do Trabalho Pedagógico. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília – SP, v.12, n.3, p.299-316, Set.-Dez. 2006.

ROZEK, Marlene. A Educação Especial e a Educação Inclusiva: compreensões necessárias. **Reflexão e Ação**. Revista do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Santa Cruz do Sul – RS, v. 21, n. 1, 2013.

SANTOS, Daísy Cléia Oliveira dos. Potenciais dificuldades e facilidades na educação de alunos com deficiência intelectual. **Educação e Pesquisa**, São Paulo – SP, v. 38, n. 04, p. 935-948, out./dez. 2012.